



UNIVERSIDADE
FEDERAL DO CEARÁ

CONTEXTUS

REVISTA CONTEMPORÂNEA DE ECONOMIA E GESTÃO

Contextus – Contemporary Journal of Economics and Management

ISSN 1678-2089
ISSNe 2178-9258

www.periodicos.ufc.br/contextus

As religiões católica e evangélica influenciam os aspectos financeiros dos seus fiéis brasileiros?

Do the catholic and evangelical religions influence the financial aspects of their brazilian followers?

¿La religión católica y evangélica influyen en los aspectos financieros de sus fieles brasileños?

<https://doi.org/10.36517/contextus.2025.94919>

Anderson Dias Brito

<https://orcid.org/0000-0003-0783-3884>

Doutorando em Administração na Universidade de São Paulo (USP) e Professor na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)

Mestre em Administração pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

andersonbrito.adm@gmail.com

Michele Santos Lima

<https://orcid.org/0009-0005-4478-573X>

Graduanda em Economia na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)

micheleprado931@gmail.com

Eduarda dos Santos da Silva

<https://orcid.org/0009-0000-8281-1883>

Graduanda em Administração na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)

2ssduda32@gmail.com

RESUMO

Contextualização: A religião e a preocupação com recursos financeiros acompanham a humanidade desde os primórdios até os dias atuais. No cristianismo, discute-se como essa doutrina pode influenciar o comportamento de seus fiéis. Nesse sentido é relevante compreender como os cristãos (católicos e evangélicos) lidam com questões financeiras em sua rotina.

Objetivo: O objetivo deste estudo é verificar como a religião influencia os aspectos financeiros dos seus fiéis.

Método: Adotou-se uma abordagem quantitativa, aplicando 513 questionários (268 católicos e 245 protestantes) com 29 itens em escala de concordância (0 a 10) e que foram agrupados em oito constructos. Como estimadores, realizou-se Análise Fatorial Exploratória (AFE), Mínimos Quadrados Ordinários (MQO) e Modelo Linear Generalizado (MLG).

Resultados: Os resultados indicam que a religião influencia aspectos como educação financeira, monitoramento, excesso de confiança, poupança, gastos conscientes, tolerância a riscos e planejamento. Diferenças entre católicos e evangélicos foram observadas apenas em monitoramento e tolerância a risco.

Conclusões: O estudo contribui para orientar práticas de educação financeira baseadas em princípios éticos e religiosos, além de subsidiar políticas públicas e produtos financeiros adaptados a diferentes crenças.

Palavras-chave: religião; cristãos; finanças pessoais; comportamento; estimadores.

ABSTRACT

Contextualization: Religion and concerns about financial resources have accompanied humanity from its earliest days to the present. In Christianity, discussions arise about how religious doctrines can influence the behavior of believers. In this context, it is relevant to understand how Christians (both Catholics and Protestants) manage financial matters in their daily lives.

Objective: This study aims to examine how religion influences the financial behaviors of its followers.

Method: A quantitative approach was adopted, applying 513 questionnaires (268 Catholics and 245 Protestants) containing 29 items rated on a 0-to-10 agreement scale, which were grouped into eight constructs. The study employed Exploratory Factor Analysis (EFA), Ordinary Least Squares (OLS), and Generalized Linear Models (GLM) as estimation methods.

Results: The findings indicate that religion influences aspects such as financial education, monitoring, overconfidence, saving behavior, conscious spending, risk tolerance, and financial planning. Differences between Catholics and Protestants were observed only in monitoring and risk tolerance.

Conclusions: This study contributes to financial education practices grounded in ethical and religious principles while also informing public policies and financial products tailored to different beliefs.

Keywords: religion; Christians; personal finance; behavior; estimation methods.

RESUMEN

Contextualización: La religión y la preocupación por los recursos financieros han acompañado a la humanidad desde sus inicios hasta la actualidad. En el cristianismo, se debate cómo las doctrinas religiosas pueden influir en el comportamiento de sus fieles. En este contexto, es relevante comprender cómo los cristianos (tanto católicos como protestantes) manejan las cuestiones financieras en su vida cotidiana.

Objetivo: Este estudio tiene como objetivo analizar cómo la religión influye en los aspectos financieros de sus seguidores.

Método: Se adoptó un enfoque cuantitativo, aplicando 513 cuestionarios (268 católicos y 245 protestantes) con 29 ítems en una escala de acuerdo de 0 a 10, los cuales fueron

Informações sobre o Artigo

Submetido em 04/02/2025

Versão final em 12/04/2025

Aceito em 14/04/2025

Publicado online em 13/08/2025

Comitê Científico Interinstitucional

Editor-Chefe: Diego de Quyeiroz Machado

Avaliado pelo sistema *double blind review*

(SEER/OJS – versão 3)



OPEN ACCESS

agrupados en ocho constructos. Como métodos de estimación, se emplearon Análisis Factorial Exploratorio (AFE), Mínimos Cuadrados Ordinarios (MCO) y Modelos Lineales Generalizados (MLG).

Resultados: Los hallazgos indican que la religión influye en aspectos como educación financiera, monitoreo, exceso de confianza, ahorro, gasto consciente, tolerancia al riesgo y planificación financiera. Se observaron diferencias entre católicos y protestantes solo en monitoreo y tolerancia al riesgo.

Conclusiones: Este estudio contribuye al desarrollo de prácticas de educación financiera basadas en principios éticos y religiosos, además de servir como base para políticas públicas y productos financieros adaptados a diferentes creencias.

Palabras clave: religión; cristianos; finanzas personales; comportamiento; métodos de estimación.

Como citar este artigo:

Brito, A. D., Lima, M. S., & Silva, E. S. (2025). As religiões católica e evangélica influenciam os aspectos financeiros dos seus fiéis brasileiros?. *Contextus – Revista Contemporânea de Economia e Gestão*, 23, e94919. <https://doi.org/10.36517/contextus.2025.94919>

1 INTRODUÇÃO

A religião está ligada à humanidade desde as primeiras manifestações de espiritualidade pré-histórica até as religiões do mundo moderno. Dentro da comunidade cristã, é discutido que a doutrina pode exercer uma influência na forma como o fiel atende às diversas necessidades nos aspectos econômicos e financeiros (Sarofim; Minton; Bartholomew; Zehra; Montford; Cabano & Paul, 2020; Xavier, 2023). Este estudo tem como foco indivíduos brasileiros pertencentes à religião cristã, mais precisamente protestantes e católicos, e suas relações com as finanças.

A religião pode ser definida como um sistema de crenças e devoção a um ser superior, acompanhada geralmente por um conjunto de princípios morais, como a honestidade, o respeito e a virtude, e é praticada frequentemente por uma comunidade específica, como uma igreja, seita ou denominação (Yayeh, 2014). Enquanto isso, a gestão financeira pessoal pode ser conceituada como a maneira pela qual o indivíduo conhece (Barreto & Costa, 2022), planeja e toma decisões em relação aos seus gastos, receitas e realiza planejamento em diferentes horizontes de tempo.

De um lado, existe uma corrente abarcada na moderna teoria de finanças que defende que as decisões financeiras são de responsabilidade dos próprios indivíduos, buscando a maximização da utilidade de suas escolhas (Vasconcelos et al., 2014). Ainda, há quem defenda fatores externos, como aleatoriedade ou sorte (Renneboog & Spaenjers, 2012). Por outro lado, existe outra corrente que aponta indícios de que a religião afeta preferências e comportamentos dos fiéis em relação às finanças (Ashqar & Lobão, 2024; Clifton; Brewer & Upenieks, 2023; Renneboog & Spaenjers, 2012; Sarofim et al., 2020).

Países onde a maioria da população é católica, por exemplo, apresentam índice menor de inadimplência e individualização (Ashqar & Lobão, 2024). Além disso, a mutualidade cristã, descrita pela prática de dar e receber, autoriza a responsabilidade das elites sociais em educar os trabalhadores sobre as finanças (Kaell, 2024). A doutrina frequentemente valoriza a disciplina e a prudência na administração de recursos, o que reflete diretamente na maneira como a justiça lida com o dinheiro e se educa financeiramente (Clifton et al., 2023).

Outro aspecto é o papel das escrituras religiosas, que pode funcionar como um guia para a construção do nível de confiança dos indivíduos em Deus (Bartel, 2021; Sarofim et al., 2020) ou até mesmo gerar excesso de confiança em suas decisões financeiras. As teologias incentivam a confiança em Deus, o reconhecimento da propriedade divina e a prática da poupança com vistas à partilha e ao cuidado coletivo. Dessa forma, há a suposição de que todos os recursos são provenientes de Deus, e os cristãos têm a responsabilidade de administrá-los como mordomos dos dons divinos.

Pessoas que possuem um nível alto de devoção cresceram moldadas com valores que repercutem em suas decisões (Mahdzan; Zainundin & Shaari, 2023). As atitudes de uma pessoa podem ser atribuídas tanto aos princípios religiosos quanto às influências de seus pares (Agarwala et al., 2019). Essa relação de transmissão social entre o grupo reflete em sua religiosidade por meio das opiniões que são ensinadas e de como lidam com as finanças pessoais (Yayeh, 2014). Diante das informações apresentadas, temos a seguinte questão de pesquisa: a influência da religião na gestão financeira pessoal de sua fé?

No Brasil, onde a população é 50% católica e 31% protestante (DataFolha, 2020), a predominância do cristianismo torna essa investigação relevante. Dessa forma, o objetivo deste estudo é verificar se a religião influencia a gestão financeira pessoal dos seus fiéis. Adicionalmente, analisamos se há diferenças entre católicos e protestantes em relação aos aspectos financeiros. Embora existam estudos que investigam os efeitos da religião sobre o comportamento financeiro em cenários globais (Ashqar & Lobão, 2024; Clifton et al., 2023; Renneboog & Spaenjers, 2012; Sarofim et al., 2020), há uma escassez de pesquisas sobre o Brasil. Com isso, tentamos contribuir para preencher esta lacuna.

O artigo utilizou uma abordagem quantitativa com aplicação de 513 questionários, sendo 268 católicos e 245 protestantes, em oito constructos, além da realização de Análise Fatorial Exploratória (AFE), Mínimos Quadrados Ordinários (MQO) e Modelo Linear Generalizado (MLG) como estimadores. Os resultados apontam que a religião impacta o nível de educação financeira, monitoramento, excesso de confiança, capacidade de geração de poupança, realização de gastos conscientes, tolerância a riscos e planejamento. Além disso, foram encontradas diferenças entre católicos e evangélicos apenas para monitoramento e tolerância a riscos.

Dessa forma, compreender como a religião afeta as decisões financeiras dos adeptos é relevante para entender melhor as dinâmicas econômicas da sociedade. Ao considerar a dimensão religiosa na análise, o presente artigo amplia a compreensão sobre os fatores que moldam o comportamento financeiro dos indivíduos. Os resultados da pesquisa podem orientar os adeptos ao protestantismo e ao catolicismo para a formulação de práticas relacionadas à educação financeira e apoiar uma melhor gestão dos recursos financeiros com aspectos da ética e da moral.

Os resultados podem ser usados por instituições religiosas para promover programas de educação financeira entre os fiéis, alinhando princípios religiosos com práticas financeiras responsáveis. Bancos e empresas financeiras podem criar produtos adaptados às necessidades e comportamentos de diferentes grupos religiosos. Além disso, é possível fomentar o debate e a criação de políticas públicas que combinem educação financeira com valores culturais e religiosos.

Este artigo compreende cinco seções, incluindo esta introdução. A Seção 2 fornece uma visão geral do tema de religião e finanças, além das hipóteses. A Seção 3 examina os dados e a amostra, modela a econometria e define as

variáveis. A Seção 4 apresenta as principais descobertas. A Seção 5 discute os resultados. A Seção 6 conclui o estudo.

2 MOTIVAÇÃO E HIPÓTESES

Indivíduos com um alto nível de educação financeira e envolvimento religioso tendem a apresentar uma menor propensão para desenvolver dificuldades financeiras (Feng; Ahmad & Zheng, 2023; Mahdzan et al., 2023; Sarofim et al., 2020). Contudo, aqueles que começam a vida sem o conhecimento ou habilidades para gerenciar suas finanças, poupanças e questões financeiras estão em desvantagem (Keister, 2023). Esse cenário reforça a ideia de que pessoas com baixa literacia financeira têm maior probabilidade de enfrentar problemas financeiros e de acumular dívidas (Mahdzan et al., 2023).

Países onde a maioria da população é católica apresentam uma menor incidência de problemas financeiros (Ashqar & Lobão, 2024). Além disso, pessoas instruídas se beneficiam da interação social que ocorre no ambiente religioso, reforçando a importância da educação na ampliação dos laços comunitários e dos efeitos sociais positivos associados à religiosidade (Glaeser & Sacerdote, 2008). Dentro desse contexto, indivíduos que crescem em tradições religiosas que valorizam a educação podem ter uma vantagem na construção e acumulação de riqueza (Keister, 2023).

No caso dos protestantes, a doutrina valoriza a disciplina e a prudência na administração de recursos, o que reflete na maneira como os fiéis lidam com o dinheiro e se educam financeiramente (Clifton et al., 2023). A combinação entre educação e teologia forma uma base sólida para o desenvolvimento de uma disciplina financeira eficaz, proporcionando aos fiéis melhores condições de vida e maior conforto material. O conhecimento adquirido por meio dessa orientação permite que as pessoas administrem suas finanças de maneira mais eficiente, estabelecendo metas e garantindo uma maior estabilidade econômica (Mahdzan et al., 2023). Diante dessas informações, surge a primeira hipótese de pesquisa.:

H1: A religião influencia positivamente na educação financeira dos fiéis.

O controle financeiro configura-se como uma ação preventiva diante de situações imprevistas (Nunes, 2006). Ele envolve o monitoramento e registro das entradas e saídas, de modo a permitir a identificação de prioridades e padrões, além da implementação de ajustes, se necessário. Do mesmo modo, permite que os recursos disponíveis sejam utilizados de maneira consciente, evitando o acúmulo de dívidas desnecessárias (Rosa & Moraes, 2023) e assegurando maior estabilidade econômica.

Em contextos religiosos, a prática do controle permite que a administração prudente dos recursos seja vista como um reflexo da responsabilidade espiritual de cada fiel. O controle sobre os recursos materiais não é visto apenas como uma questão prática, mas também espiritual, refletindo uma visão de que suas decisões financeiras são guiadas por uma força maior (Mahdzan et al., 2023). Dessa forma, o controle financeiro também assume uma dimensão ética e espiritual, além da consciência individual sobre a necessidade de alcançar metas e objetivos pessoais.

A relação entre religião e o controle financeiro está intrincada, valorizando a disciplina, a responsabilidade e a moderação no uso dos recursos financeiros (Sarofim et al., 2020). Isso se reflete em sua priorização pela administração prudente dos recursos financeiros, influenciada pela interpretação direta da Bíblia (Clifton et al., 2023). Dessa forma, a prática do monitoramento é produto de uma gestão eficaz e da adesão aos preceitos religiosos pelos fiéis.

O posicionamento dos indivíduos em relação ao controle não se restringe apenas a preceitos abstratos, mas é corroborado por evidências de que o senso de responsabilidade financeira é maior entre aqueles que seguem crenças religiosas (Mahdzan et al., 2023). Esse controle está diretamente ligado a um maior senso de responsabilidade financeira, o que torna os princípios religiosos orientadores de suas decisões econômicas. Dessa forma, surge a segunda hipótese de pesquisa.

H2: A religião influencia positivamente no controle financeiro dos fiéis.

Grupos religiosos e não religiosos apresentam variações em suas decisões econômicas, especialmente no que diz respeito à ênfase na organização e à gestão futura (Mahdzan et al., 2023). Dentro desse contexto, os católicos tendem a ter prazos de planejamento mais longos em comparação com os agregados familiares não religiosos (Renneboog & Spaenjers, 2012). Da mesma forma, a gestão eficaz das finanças entre os protestantes está fortemente ligada à moralidade religiosa, em que o planejamento financeiro se alinha aos ensinamentos de prudência e moderação da Bíblia Sagrada (Bartel, 2021).

Os padrões de organização estabelecidos na juventude tendem a persistir ao longo da vida, uma vez que o comportamento adotado nos primeiros anos de trabalho estabelece os alicerces financeiros para a acumulação de riqueza posteriormente (Keister, 2023). Os fiéis que possuem crenças religiosas desde cedo desenvolvem bons hábitos financeiros e geralmente têm um planejamento financeiro mais consistente (Ma et al., 2018). Isso é particularmente relevante para lidar com desafios econômicos que podem surgir ao longo da vida.

Os seguidores de uma religião geralmente adotam perspectivas de longo prazo ao tomarem decisões financeiras, buscando postergar recompensas imediatas e optar por aguardar recompensas maiores no futuro (Ashqar & Lobão, 2024). Ao seguir práticas de planejamento financeiro, as pessoas buscam a criação de segurança econômica e a construção de riqueza duradoura. Nesse sentido, a religião oferece um conjunto de habilidades fundamentais, como a disciplina econômica e a prudência financeira (Renneboog & Spaenjers, 2012). Neste contexto, surge a terceira hipótese:

H3: A religião influencia positivamente no planejamento financeiro dos fiéis.

A prática de poupar não é apenas uma estratégia financeira, mas um reflexo de princípios éticos que destacam a importância de não desperdiçar os dons recebidos. As famílias religiosas têm maior propensão a poupar dinheiro do que os não praticantes (Ma et al., 2018; Renneboog & Spaenjers, 2012). Isso decorre de uma perspectiva que vê a poupança não apenas como uma necessidade material, mas como uma manifestação da fé e da responsabilidade com Deus.

A influência da filiação religiosa na disposição para acumular recursos sugere que os adeptos cristãos têm uma tendência maior para reservar seus rendimentos (Yayeh, 2014). Os católicos devotos atribuem grande importância à prática de poupar recursos financeiros (Ashqar & Lobão, 2024). Da mesma forma, os protestantes, conhecidos por sua prudência financeira, demonstram uma tendência maior para reservar mais (Ma et al., 2018). Com isso, a prática de poupar transcende o âmbito material, sendo um reflexo de valores intrínsecos pautados na prudência.

Nesse sentido, a ênfase na poupança surge quando se abraça a simplicidade e se reduz a aquisição de bens materiais, priorizando o compartilhamento da riqueza por meio de relacionamentos, adoração, espiritualidade e serviço (Yayeh, 2014). De maneira complementar, a religião promove valores como o trabalho árduo, a poupança e a limitação de certos tipos de consumo improdutivo, reforçando hábitos que favorecem a acumulação de recursos financeiros. Considerando o exposto, enuncia-se a quarta hipótese formulada:

H4: A religião influencia positivamente na poupança financeira dos fiéis.

Indivíduos com crenças religiosas bem estabelecidas, particularmente aqueles ligados ao protestantismo, tendem a adotar práticas de gastos mais conscientes e responsáveis (Agarwala et al., 2019). Busca-se reduzir as despesas superiores à renda disponível e evitar gastos excessivos (Mahdzan et al., 2023). Com isso, há esforços para alterar o comportamento em nome da fé, em termos de prioridades, o que leva à mudança nos padrões de gastos.

O propósito da administração na Igreja Protestante é inspirar os seguidores de Jesus a demonstrarem fidelidade, gerenciando com sabedoria tudo o que Ele lhes confiou, o que engloba uma gestão cuidadosa de seus recursos pessoais, como tempo, habilidades e finanças, impactando na gestão de gastos dos indivíduos. Os ensinamentos religiosos reforçam essa mentalidade, incentivando uma relação mais prudente com o dinheiro e a exclusão da pressão social para gastar excessivamente, especialmente entre os adeptos de tradições pentecostais (Ashqar & Lobão, 2024).

Para os religiosos, gastar de forma consciente não é apenas uma escolha financeira, mas uma prática ética enraizada em suas crenças. O dinheiro que ganham não é mais gasto sem critério entre familiares ou na comunidade, nem é desperdiçado em atividades improdutivas. Nesse sentido, a religião não apenas molda o comportamento individual, mas pode contribuir para a cultura de um consumo mais responsável. Frente às reflexões expostas, surge a quinta hipótese de pesquisa:

H5: A religião influencia positivamente na gestão de gastos conscientes dos seus seguidores.

A adesão a crenças religiosas e o conhecimento em finanças contribuem para mitigar a propensão aos riscos financeiros (Mahdzan et al., 2023). A pesquisa de Ashqar e Lobão (2024) e Ma et al. (2018) evidencia que fiéis são mais avessos ao risco e, conseqüentemente, menos propensos a investir no mercado de ações. Além disso, as normas da religião influenciam as decisões de investimento (Benjamin et al., 2016).

Uma das justificativas é que esse padrão se intensifique entre indivíduos ativamente envolvidos com suas comunidades religiosas, uma vez que esses laços apresentam maior interdependência, responsabilidade e aversão ao risco (Agarwala et al., 2019; Ma et al., 2018). Religiosos tendem a adotar atitudes mais cautelosas e responsáveis. Nesse sentido, a religião também desempenha um papel no desenvolvimento de mentalidades, valores e visões específicas de riqueza dentro dos grupos religiosos, influenciando as preferências em relação ao risco (Feng et al., 2023).

A religião é composta por pessoas que são cautelosas em relação ao risco, buscando reduzir a ansiedade relacionada à incerteza (Hilary & Hui, 2009). Ela influencia a formação de mentalidades e valores entre os membros de comunidades religiosas, impactando, conseqüentemente, as preferências comportamentais e posturas em relação ao risco (Feng et al., 2023). Considerando esses aspectos, sustenta-se a hipótese seis:

H6: A religião influencia negativamente na tolerância aos riscos.

Entre os indivíduos religiosos, é possível que exista autoconfiança elevada fundamentada no pressuposto de que há um propósito divino para suas vidas (Renneboog & Spaenjers, 2012). Nesse sentido, a religiosidade implica na adesão a escrituras sagradas que atuam como um guia comportamental, contribuindo para a construção de um nível alto de confiança dos indivíduos em Deus (Bartel, 2021; Sarofim et al., 2020). Dessa forma, a relação entre religiosidade e bem-estar financeiro é mediada por um senso de certeza, uma vez que pessoas mais religiosas podem demonstrar maior confiança em si.

Todavia, o excesso de confiança pode levar indivíduos a superestimarem suas próprias habilidades e conhecimentos. Ao subestimar os riscos, essas pessoas podem tomar decisões financeiras precipitadas ou confiar excessivamente em suas capacidades de previsão e gestão de recursos (Mättö & Niskanen, 2019). Níveis elevados de confiança podem resultar em consequências financeiras desfavoráveis, como relutância em buscar uma segunda opinião e vulnerabilidade à fraude (Sarofim et al., 2020). Frente a essas questões, surge a sétima hipótese de pesquisa:

H7: A religião influencia positivamente no excesso de confiança dos fiéis.

Adicionalmente, objetivou-se verificar a existência de diferenças no comportamento financeiro entre católicos e protestantes nas hipóteses supracitadas. Assim, a Tabela 1 resume as hipóteses abordadas neste estudo.

Tabela 1

Hipóteses do estudo

Hipóteses
H1: A religião influencia positivamente na educação financeira dos fiéis.
H1a Não há diferença entre católicos e protestantes em relação à educação financeira.
H2: A religião influencia positivamente no controle financeiro dos fiéis.
H2a Não há diferença entre católicos e protestantes em relação ao controle financeiro.
H3: A religião influencia positivamente no planejamento financeiro dos fiéis.
H3a: Não há diferença entre católicos e protestantes em relação ao planejamento financeiro.
H4: A religião influencia positivamente na poupança financeira dos fiéis.
H4a: Não há diferença entre católicos e protestantes em relação à poupança.
H5: A religião influencia positivamente nos gastos conscientes dos seus seguidores.
H5a: Não há diferença entre católicos e protestantes em relação à gestão de gastos conscientes.
H6: A religião influencia negativamente na tolerância aos riscos.
H6a: Não há diferença entre católicos e protestantes em relação à tolerância aos riscos.
H7: A religião influencia positivamente no excesso de confiança dos fiéis.
H7a: Não há diferença entre católicos e protestantes em relação ao excesso de confiança.

Fonte: Elaboração própria.

3 METODOLOGIA

A população deste estudo é composta por brasileiros(as), adeptos(as) da religião católica ou protestante, sendo estas as mais representativas no país. Por não ser possível, neste caso, realizar uma pesquisa do tipo censo, extraiu-se uma amostra não probabilística. Durante o período de maio e junho de 2024, foram obtidas de forma on-line 120 respostas para o teste piloto e 513 para a amostra final, sendo 268 católicos e 245 protestantes. A amostra do teste piloto não integra a final.

Para analisar a relação entre religião e finanças, foi adotado o seguinte modelo econométrico (Equação 1):

$$\begin{aligned}
 FINAN_i = & \beta_0 + \beta_1 Religiösidade_i + \beta_2 (Religiösidade_i * Ramificação_i) \\
 & + \beta_3 ramificação_i + \beta_4 gênero_i + \beta_5 idade_i + \beta_6 renda_i \\
 & + \beta_7 estado\ civil_i + \beta_8 escolaridade_i + \varepsilon
 \end{aligned}
 \tag{1}$$

A Tabela 2 sintetiza as variáveis do estudo, bem como sua operacionalização

Tabela 2

Variáveis do estudo

Variáveis	Sigla	Mensuração
Variável Dependente	Finan	Constructos em escala 0 a 10 relacionado às finanças, podendo assumir ou 'educação financeira' ou 'monitoramento financeiro' ou 'planejamento financeiro' ou 'capacidade de geração de poupança' ou "gestão de gastos conscientes" ou 'tolerância aos riscos' ou 'excesso de confiança'
	Religiösidade	Constructo de 0 a 10 relacionado ao nível de religiosidade

Variáveis de interesse	Ramificação	Dummy que assume valor 1 se for protestante e 0 se for católico
Variáveis de controle	Gênero	dummy que assume valor 1 se for mulher e 0 se for homem
	Idade	Variável discreta iniciando em 18 anos
	Renda	Variável ordinal categorizada em 0 (≤ 1 Salário Mínimo [SM]), 1 (>1 a ≤ 2 SM), 2 (>2 a ≤ 3 SM), 4 (>3 a ≤ 4 SM), 5 (>4 a ≤ 5 SM) e 6 (>5 SM)
	Estado civil	Assume valor 0 se for solteiro ou divorciado e 1 se for casado ou com união estável
	Escolaridade	Variável ordinal categorizada em 0 (fundamental incompleto), 1 (fundamental completo), 2 (médio incompleto), 3 (médio completo), 4 (superior incompleto), 5 (superior completo), 6 (pós-graduação incompleta) e 7 (pós-graduação completa).

Fonte: Elaboração própria.

O instrumento de coleta foi um questionário com questões em escalas de 11 pontos (0 a 10) no sentido de (dis)concordância, que posteriormente foram agrupadas em constructos. Para garantir a qualidade, o critério de inclusão considerou que o indivíduo se declarasse católico ou protestante. Já para os critérios de exclusão, foram desconsiderados os indivíduos que se declararam religiosos não praticantes ou que se converteram há menos de 2 anos.

Por não haver escalas validadas para todos os constructos utilizados, os itens dos questionários foram elaborados ou adaptados com base na literatura. Eles passaram pela análise de quatro pesquisadores da área, a fim de verificar a validade do conteúdo e a consolidação do instrumento.

Foi realizado um teste piloto com 120 respondentes, com o objetivo de verificar a necessidade de ajustes relativos à forma ou ao conteúdo. Com os primeiros dados coletados, foi realizada uma análise fatorial exploratória para verificar a aderência dos itens aos constructos e o atendimento aos pressupostos básicos da análise fatorial, como Alfa de Cronbach, KMO, esfericidade de Bartlett, comunalidades e proporção da variância explicada.

Os itens que não atenderam aos pressupostos foram excluídos do questionário. Por fim, os respondentes do teste piloto foram descartados, e uma nova amostra foi coletada. A composição dos constructos, bem como suas respectivas fundamentações, pode ser visualizada na Tabela 3.

Tabela 3

Itens pertencentes aos constructos

Construtos	Item	Fundamentação
Religiosidade	Busco orientação na Bíblia para moldar meu comportamento diário.	Clifton et al. (2023);
	Procuo viver de acordo com os princípios de minha religião.	Keister (2023); Yayeh (2014);
	Mantenho uma prática religiosa constante.	Yayeh (2014);
	Costumo Frequentar a Igreja.	Glaeser e Sacerdote (2008)
Nível de Educação Financeira	Tenho um bom nível de conhecimento financeiro.	Sarofim et al. (2020); Xavier (2023);
	Entendo os conceitos básicos de orçamento e planejamento financeiro.	Feng et al. (2023); Mahdzan et al. (2023)
	Consigo lidar com produtos financeiros, como contas bancárias, investimentos e empréstimos.	Keister (2023)
	Estou familiarizado com os conceitos de inflação, taxas de câmbio e SELIC, além de como isso impacta minha vida.	Ma et al. (2018)
Monitoramento Financeiro	Costumo revisar e ajustar regularmente minhas metas de poupança.	Renneboog e Spaenjers (2012)
	Sempre acompanho o nível de gastos/receitas para gerenciar minha situação financeira.	Mahdzan et al. (2023); Renneboog e Spaenjers (2012)
	Costumo detalhar ao máximo meu orçamento.	Ashqar e Lobão (2024); Mahdzan et al. (2023)
Planejamento	Estabeleço metas financeiras claras e mensuráveis a curto, médio e longo prazo.	Renneboog e Spaenjers (2012).
	Costumo elaborar um plano financeiro para guiar minhas decisões de gastos e investimentos.	Keister (2023)
	Identifico e priorizo objetivos financeiros de acordo com sua importância e urgência.	Ma et al. (2018)
	Defino um orçamento realista com base em minha renda e despesas, garantindo que esteja equilibrado a longo prazo.	Ashqar e Lobão (2024)
Poupança	Tenho costume de poupar dinheiro.	Keister (2023); Ma et al. (2018); Renneboog e Spaenjers (2012)
	Priorizo a construção de uma reserva de emergência para lidar com situações financeiras inesperadas.	Ma et al. (2018)
	Estabeleço metas de poupança para motivar meu comportamento de economia.	Yayeh (2014)
	Costumo gastar dentro do meu orçamento.	Mahdzan et al. (2023)
Gastos Conscientes	Costumo ajustar meus gastos conforme necessário.	Ashqar e Lobão (2024); Mahdzan et al. (2023)
	Sou disciplinado(a) em relação aos meus gastos.	Agarwala et al. (2019)
Tolerância a Riscos	Estou disposto(a) a assumir um nível mais alto de risco em meus investimentos em busca de retornos mais altos.	Mahdzan et al. (2023)
	Estou disposto a empreender projetos de investimento que oferecem a possibilidade de bons retornos, mas também carregam um risco	Benjamin et al. (2016)

	substantial de perda.	
	Estou disposto a assumir riscos financeiros para seguir meus sonhos e aspirações mesmo que isso envolva incerteza e potencial para perdas.	Ashqar e Lobão (2024); Ma et al. (2018)
	Estou disposto a assumir dívidas ou obrigações financeiras para aproveitar oportunidades de investimento.	Feng et al. (2023)
	Sei gerenciar minhas finanças pessoais.	Bartel (2021); Sarofim et al. (2020)
Excesso de Confiança	Me sinto confiante para lidar com questões financeiras como empréstimos, seguros e investimentos.	Renneboog e Spaenjers (2012)
	Sei identificar armadilhas financeiras.	Sarofim et al. (2020)
	Comparando com a média, eu sei lidar melhor com questões financeiras.	Mättö e Niskanen (2019)

Fonte: Elaboração própria.

Por fim, o link com as perguntas do Google Forms foi enviado pelas redes sociais, além de ter sido disponibilizado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, considerando a aprovação do Comitê de Ética sob o registro nº 79251124.3.0000.0055.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A primeira etapa das análises consistiu na verificação da adequação e consistência na mensuração dos constructos (Tabela 4). Os trinta itens foram distribuídos em oito categorias (constructos). Esses constructos explicam de 65% a 77% da variância dos itens. Além disso, os escores fatoriais foram superiores a 0,720, as comunicações maiores que 0,6, os testes de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) superiores a 0,700, a esfericidade de Bartlett significativa em nível de 1% e o Alfa de Cronbach acima de 0,84, indicando alta confiabilidade nas escalas para todos os modelos.

Tabela 4
Adequação e consistência dos constructos de análises

Constructo	Item	Comunalidades (H2)	Scores (ML1)
Religiosidade Alfa de Cronbach= 0,890 KMO = 0,802 Teste de Bartlett = p-valor < 0,000 (com $\chi^2 = 1302.043$ e 6gl) Proporção da variância = 0,69	Busco orientação na Bíblia para moldar meu comportamento diário.	0,605	0,7600
	Procuro viver de acordo com os princípios de minha religião.	0,630	0,800
	Mantenho uma prática religiosa constante.	0,860	0,930
	Costumo Frequentar a Igreja.	0,680	0,820
	Tenho um bom nível de conhecimento financeiro.	0,750	0,870
Nível de Educação Financeira Alfa de Cronbach= 0,910 KMO = 0,830 Teste de Bartlett = p-valor < 0,000 (com $\chi^2 = 1349.222$ e 6gl) Proporção da variância = 0,710	Entendo os conceitos básicos de orçamento e planejamento financeiro.	0,830	0,910
	Consigo lidar com produtos financeiros, como contas bancárias, investimentos e empréstimos.	0,660	0,810
	Estou familiarizado com os conceitos de inflação, taxas de câmbio e SELIC, além de como isso impacta minha vida	0,610	0,770
	Sempre acompanho o nível de gastos/receitas para gerenciar minha situação financeira	0,600	0,760
Monitoramento Financeiro Alfa de Cronbach= 0,840 KMO = 0,700 Teste de Bartlett = p-valor < 0,000 (com $\chi^2 = 667.226$ e 3gl) Proporção da variância = 0,65	Costumo detalhar ao máximo meu orçamento.	0,860	0,930
	Uso ferramentas (anotações/registros) ou aplicativos para acompanhar minhas despesas e receitas.	0,590	0,720
	Estabeleço metas financeiras claras e mensuráveis a curto, médio e longo prazo.	0,690	0,830
Planejamento Alfa de Cronbach= 0,910 KMO = 0,800 Teste de Bartlett = p-valor < 0,000 (com $\chi^2 = 1382, 901$ e 6gl) Proporção da variância = 0,71	Costumo elaborar um plano financeiro para guiar minhas decisões de gastos e investimentos.	0,720	0,850
	Identifico e priorizo objetivos financeiros de acordo com sua importância e urgência.	0,710	0,840
	Defino um orçamento realista com base em minha renda e despesas, garantindo que esteja equilibrado a longo prazo.	0,700	0,840
	Tenho costume de poupar dinheiro.	0,650	0,810
Poupança Alfa de Cronbach= 0,930 KMO = 0,810 Teste de Bartlett = p-valor < 0,000 (com $\chi^2 = 1819.054$ e 6gl) Proporção da variância = 0,77	Priorizo a construção de uma reserva de emergência para lidar com situações financeiras inesperadas.	0,760	0,870
	Estabeleço metas de poupança para motivar meu comportamento de economia.	0,890	0,950
	Costumo revisar e ajustar regularmente minhas metas de poupança.	0,790	0,890
	Gestão de Gastos Conscientes	0,770	0,880

Alfa de Cronbach= 0,910 KMO = 0,750 Teste de Bartlett = p-valor < 0,000 (com $\chi^2 = 1008,117$ e 3gl) Proporção da variância = 0,76	Costumo ajustar meus gastos conforme necessário. Sou disciplinado(a) em relação aos meus gastos.	0,820 0,700	0,900 0,840
Tolerância aos Riscos Alfa de Cronbach= 0,900 KMO = 0,840 Teste de Bartlett = p-valor < 0,000 (com $\chi^2 = 1289,594$ e 6gl) Proporção da variância = 0,7	Estou disposto(a) a assumir um nível mais alto de risco em meus investimentos em busca de retornos mais altos. Estou disposto a empreender projetos de investimento que oferecem a possibilidade de bons retornos, mas também carregam um risco substancial de perda. Estou disposto a assumir riscos financeiros para seguir meus sonhos e aspirações mesmo que isso envolva incerteza e potencial para perdas. Estou disposto a assumir dívidas ou obrigações financeiras para aproveitar oportunidades de investimento.	0,660 0,770 0,720 0,650	0,820 0,880 0,850 0,810
Excesso de Confiança Alfa de Cronbach= 0,840 KMO = 0,730 Teste de Bartlett = p-valor < 0,000 (com $\chi^2 = 638,626$ e 3gl) Proporção da variância = 0,65	Me sinto confiante para lidar com questões financeiras como empréstimos, seguros e investimentos. Sei identificar armadilhas financeiras. Comparando com a média, eu sei lidar melhor com questões financeiras.	0,605 0,660 0,700	0,760 0,810 0,840

Fonte: Elaboração própria.

De acordo com os pressupostos da Análise Fatorial Exploratória (AFE), realizou-se a agregação dos itens por meio do cálculo da média ponderada dos escores atribuídos por cada respondente. Em seguida, foram obtidas medidas de posição de tendência central, como a média simples e a mediana, além dos quartis, e analisou-se a dispersão dos dados em uma análise descritiva (Tabela 5).

Tabela 5

Medidas de posição dos constructos de análises

	Mínimo	Q1	Média	Q2	Q3	Máximo	Desvio Padrão
Religiosidade	0	4	6,62	7	9	10	2,92
Educação Financeira	0	3	4,40	4	5	8	2,01
Controle Financeiro	0	5	6,44	7	9	10	2,69
Planejamento Financeiro	0	5	6,16	7	8	10	2,63
Poupança	0	4	5,99	6	8	10	2,96
Gestão de Gastos Conscientes	0	6	7,40	8	9	10	2,50
Tolerância aos Riscos	0	2	4,18	4	6	10	2,69
Excesso de Confiança	0	5	6,46	7	8	10	2,38

Fonte: Elaboração própria.

Os dados obtidos apresentam uma distribuição moderada, evidenciada pelo desvio padrão abaixo de três. Além disso, a proximidade entre a média e a mediana (Q2) reforça esse argumento. Essa proximidade sugere uma baixa presença de *outliers*, ou seja, valores atípicos que se diferenciam dos demais no conjunto de dados.

Os resultados evidenciam uma média e mediana com um grau moderado de religiosidade e de educação financeira. Adicionalmente, a gestão de gastos conscientes é elevada entre os religiosos, que possuem baixo grau de instrução financeira e são avessos aos riscos. Segundo a mediana e a média, os indicadores analisados são consideravelmente bons. Com base na mediana, a amostra apresenta níveis similares de religiosidade, excesso de confiança, poupança, controle financeiro e planejamento financeiro.

4.1 Testes de hipótese

Para testar as hipóteses formuladas, foram utilizadas as estimações MQO e MLG, tendo como variáveis dependentes os constructos 'Educação Financeira', 'Gestão de Gastos Conscientes', 'Excesso de Confiança', 'Poupança', 'Controle Financeiro', 'Aceitação ao Risco' ou 'Planejamento Financeiro'. Em cada modelo, considerou-se a variável de interesse, que é a 'Religiosidade', e sua interação com a ramificação (Religiosidade * Ramificação), além das variáveis de controle, como 'idade', 'estado civil', 'gênero', 'renda' e 'escolaridade'. As estimativas estão disponibilizadas na Tabela 6.

Tabela 6

Mínimos Quadrados Ordinários

MQO	Educação Financeira	Controle Financeiro	Planejamento Financeiro	Poupança	Gestão de Gastos Conscientes	Tolerância aos Riscos	Excesso de Confiança
-----	---------------------	---------------------	-------------------------	----------	------------------------------	-----------------------	----------------------

Intercepto	3,707*** (0,552)	3,661*** (0,619)	3,808*** (0,599)	3,512*** (0,616)	5,453*** (0,558)	4,480*** (0,562)	4,035*** (0,490)
Religiosidade	0,209*** (0,050)	0,246*** (0,065)	0,222*** (0,054)	0,260*** (0,060)	0,236*** (0,051)	0,173*** (0,050)	0,167*** (0,049)
Ramificação	0,062 (0,546)	1,358** (0,654)	0,580 (0,588)	0,757 (0,546)	0,385 (0,648)	1,420*** (0,610)	0,309 (0,566)
Religiosidade *	-0,024 (0,072)	-0,191*** (0,087)	-0,083 (0,080)	-0,133 (0,092)	-0,115 (0,083)	-0,191*** (0,087)	-0,028 (0,075)
Ramificação	0,001 (0,011)	-0,012 (0,011)	-0,004 (0,013)	0,003 (0,013)	-0,017 (0,012)	-0,018 (0,012)	0,009 (0,010)
Idade	-0,688*** (0,197)	-0,056 (0,231)	-0,151 (0,226)	-0,027 (0,259)	-0,170 (0,210)	-0,944*** (0,246)	-0,770*** (0,197)
Feminino	-0,288 (0,228)	-0,001 (0,292)	-0,600*** (0,295)	-0,682** (0,326)	0,031 (0,269)	-0,240 (0,282)	0,052 (0,244)
Estado Civil	0,206** (0,093)	0,079 (0,107)	0,224** (0,098)	0,314*** (0,110)	0,089 (0,095)	0,322*** (0,108)	0,225** (0,084)
Renda	0,366*** (0,068)	0,296*** (0,078)	0,232*** (0,077)	0,137** (0,087)	0,258*** (0,076)	-0,141** (0,078)	0,272*** (0,075)
Escolaridade	0,220 (0,035)	0,091 (0,000)	0,101 (0,000)	0,079 (0,000)	0,090 (0,034)	0,057 (0,000)	0,183 (0,000)
Adjusted R ²	0,993 (0,035)	0,979 (0,000)	0,985 (0,000)	0,974 (0,000)	0,998 (0,034)	0,986 (0,000)	0,988 (0,000)
Shapiro-Wilk	1,997 (0,463)	1,966 (0,323)	1,919 (0,162)	1,993 (0,443)	1,965 (0,324)	1,932 (0,201)	1,844 (0,033)
Test (p-valor)							
Durbin Watson							
Test (p-valor)							

Fonte: Elaboração própria.

O resultado do estimador de MQO (Tabela 6) sugere a necessidade de considerar a influência da religião nas decisões financeiras. Há uma relação positiva e significativa entre a religiosidade e o nível de educação financeira, gestão de gastos conscientes, poupança, controle financeiro, planejamento financeiro, excesso de confiança e aceitação de riscos. Ainda assim, foram identificadas diferenças entre os tipos de religião apenas para controle financeiro e aceitação de riscos. De acordo com as estimações, os protestantes apresentam um maior nível de monitoramento de suas finanças e são mais avessos aos riscos do que os católicos.

Os testes de R² ajustado mostram valores entre 5,7% e 22%. O teste de Shapiro-Wilk, que avalia a normalidade dos resíduos de um modelo de regressão, indica que os resíduos para todos os modelos testados não são normalmente distribuídos, ou seja, não atendem ao pressuposto de normalidade da regressão. O teste de Durbin-Watson, que detecta a presença de autocorrelação nos resíduos de um modelo de regressão, evidencia que os resíduos não são autocorrelacionados. A heterocedasticidade foi corrigida utilizando erros-padrão robustos.

Embora o pressuposto de normalidade dos dados possa ser relaxado com base no teorema do limite central, optou-se por utilizar o estimador do Modelo Linear Generalizado (MLG) devido à sua característica não paramétrica, que garante maior robustez aos resultados (Tabela 7).

Tabela 7
Modelo Linear Generalizado

MLG	Educação Financeira	Controle Financeiro	Planejamento Financeiro	Poupança	Gestão de Gastos conscientes	Tolerância aos Riscos	Excesso de Confiança
Intercepto	1,427*** (0,004)	1,414*** (0,085)	1,420*** (0,087)	1,358*** (0,088)	1,732*** (0,078)	1,480*** (0,106)	1,480*** (0,084)
Religiosidade	0,032*** (0,008)	0,039*** (0,008)	0,037*** (0,008)	0,044*** (0,008)	0,032*** (0,007)	0,042*** (0,010)	0,026*** (0,008)
Ramificação	0,013 (0,009)	0,229** (0,096)	0,107 (0,100)	0,141 (0,102)	0,054 (0,091)	0,353*** (0,117)	0,054 (0,097)
Religiosidade *	-0,004 (0,001)	-0,031** (0,012)	-0,014 (0,013)	-0,023 (0,013)	-0,015 (0,012)	-0,047** (0,015)	-0,007 (0,012)
Ramificação	0,000 (0,000)	-0,001 (0,001)	-0,000 (0,002)	0,000 (0,002)	-0,002 (0,001)	-0,004 (0,002)	0,001 (0,001)
Idade	-0,105*** (0,003)	-0,007 (0,036)	-0,024 (0,037)	-0,003 (0,038)	-0,022 (0,034)	-0,218*** (0,044)	-0,107*** (0,036)
Feminino	0,027** (0,014)	0,011 (0,015)	0,033** (0,015)	0,048*** (0,015)	0,011 (0,014)	0,075*** (0,018)	0,003** (0,014)
Renda	-0,046 (0,004)	-0,001 (0,043)	-0,097** (0,044)	-0,112** (0,045)	0,003 (0,040)	-0,058 (0,054)	-0,010 (0,043)
Estado Civil	0,057*** (0,011)	0,046** (0,011)	0,038*** (0,011)	0,023** (0,011)	0,010*** (0,001)	-0,034** (0,014)	0,042*** (0,011)
Escolaridade							

Fonte: Elaboração própria.

Na segunda análise, utilizando o método MLG, os resultados confirmam que a religiosidade continua sendo significativa e contribui positivamente para explicar as decisões relacionadas ao nível de educação financeira, gestão de gastos, excesso de confiança, poupança, controle financeiro, aceitação de riscos e planejamento financeiro. Reforçando as análises iniciais, esses resultados fornecem uma base sólida para a compreensão do impacto da religião católica nas decisões financeiras dos fiéis.

A respeito das variáveis de controle, tanto na MQO quanto no MLG, a idade não tem efeito significativo nas variáveis financeiras analisadas. Em relação à variável gênero, as mulheres apresentam níveis significativamente menores em educação financeira, excesso de confiança e aceitação de riscos em comparação aos homens. Pessoas casadas ou em união estável apresentam menor nível de comportamento de poupança e planejamento financeiro, se comparadas com solteiros ou divorciados.

Quanto maior a renda dos indivíduos, maior é o nível de educação financeira, excesso de confiança, poupança, menor aversão aos riscos e maior planejamento financeiro. Contudo, não há relação com gastos conscientes nem com o nível de monitoramento financeiro. Por fim, o nível de escolaridade possui relação positiva e significativa com todas as variáveis financeiras analisadas.

4.2 Discussão dos resultados

4.2.1 Educação financeira

No contexto religioso, a educação financeira é vista como uma extensão dos princípios bíblicos, incentivando a gestão responsável. Os indivíduos oriundos dessas tradições que enfatizam a educação têm maior propensão a acumular riqueza e a desenvolver habilidades financeiras sólidas (Keister, 2023). Esse aspecto é corroborado por uma relação positiva entre a religiosidade e o nível de conhecimento financeiro encontrado, sugerindo que o ambiente religioso não só promove a moralidade e a espiritualidade, mas também a competência econômica (Yayeh, 2014).

A combinação da doutrina teológica com práticas educacionais efetivas resulta em um bem-estar financeiro superior entre os fiéis (Clifton et al., 2023). Os resultados estão alinhados com estudos anteriores (Ashqar & Lobão, 2024; Feng et al., 2023; Keister, 2023). Assim, tanto H1 quanto H1a são aceitas, uma vez que a religião influencia positivamente a educação financeira dos seus seguidores, assim como não há diferenças entre católicos e protestantes neste aspecto.

Nesse sentido, as igrejas podem se tornar ambientes propícios para a disseminação de conhecimento, utilizando linguagem e valores religiosos para abordar temas ligados às finanças. Outra implicação seria a oportunidade de parcerias entre igrejas e instituições educacionais, que podem ampliar o alcance da educação financeira, sobretudo para regiões de baixa escolarização.

4.2.2 Controle financeiro

O posicionamento dos indivíduos a respeito da verificação e controle de suas finanças é impulsionado pelas crenças. A religião, ao enfatizar a importância da moderação e da responsabilidade, incentiva práticas de autocontrole e priorização de necessidades, o que contribui para um manejo mais equilibrado e sustentável dos gastos. Eles atribuem importância ao controle de seu dinheiro, acreditando que forças externas, como o destino ou poderes divinos, influenciam os resultados de suas vidas (Renneboog; Spaenjers, 2012).

Além disso, as práticas religiosas promovem maior monitoramento ao desenvolver responsabilidade com princípios éticos e morais e encorajar a moderação e a temperança. Isso leva a um comportamento mais equilibrado e ajuda a evitar o descontrole. Assim, pode-se confirmar a segunda hipótese (H2), de que a religião impacta positivamente no controle financeiro. Esse resultado se alinha com a literatura (Mahdzan et al., 2023; Renneboog & Spaenjers, 2012).

Considerando os resultados alcançados, houve diferenças na questão do controle, sendo os protestantes mais atentos do que os católicos nesse quesito. Uma das possíveis justificativas é que, enquanto o catolicismo enfatiza o desapego aos bens materiais como um ideal espiritual, a religião evangélica adota uma abordagem mais pragmática, ensinando que a organização financeira é parte de uma vida equilibrada e produtiva. Além disso, para os protestantes, o controle financeiro é um reflexo de que os recursos devem ser bem administrados porque pertencem a Deus. Dessa forma, a H2a deve ser rejeitada.

4.2.3 Planejamento financeiro

O planejamento financeiro encontra suas raízes em práticas religiosas antigas e em ensinamentos que valorizam a organização e a gestão responsável do seu dinheiro. As famílias católicas ou protestantes tendem a demonstrar um horizonte mais abrangente do que outros grupos (Bartel, 2021). Essa tradição de organizar-se é fortalecida pela crença de que todos os recursos são dons de Deus e, portanto, devem ser administrados com responsabilidade.

A fé enfatiza a adoção de uma perspectiva de longo prazo ao tomar decisões financeiras, demonstrando uma forte inclinação a evitar gratificações imediatas em favor de recompensas posteriormente melhores. A ênfase na prudência e na responsabilidade familiar leva os religiosos a adotarem comportamentos financeiros que incluam a criação e a execução de um plano de longo prazo, visando garantir um futuro estável, o que é útil também para políticas públicas de aposentadoria.

Assim, com base nisso, a hipótese três (H3) não deve ser rejeitada, sinalizando que a religião influencia positivamente o planejamento financeiro dos fiéis. Da mesma forma, não se rejeita H3a, uma vez que não houve diferenças entre católicos e protestantes.

4.2.4 Poupança

O cristianismo valoriza a frugalidade, incentivando seus seguidores a viverem com simplicidade e a evitarem a busca por ostentação material. Assim, a doutrina cristã promove hábitos de poupança como forma de assegurar a proteção financeira da família e o cumprimento das responsabilidades pessoais. Essa prática é ilustrada na sabedoria bíblica que aconselha a aprender com a formiga que armazena seu alimento durante o verão, simbolizando um compromisso com a poupança.

Famílias religiosas tendem a ser mais propensas a poupar dinheiro, refletindo uma influência significativa da filiação religiosa na disposição para acumular recursos (Renneboog & Spaenjers, 2012). Para os devotos, a prática de economizar está relacionada à valorização de princípios como temperança e prudência, além de um esforço para evitar perdas e desperdícios. Essa ênfase na poupança emerge da adoção da simplicidade, priorizando o compartilhamento da riqueza por meio de relacionamentos, adoração, espiritualidade e serviço.

Os valores religiosos contribuem para o desenvolvimento de habilidades e hábitos que influenciam suas decisões relacionadas à poupança (Keister, 2023; Mahdzan et al., 2023). O ato de poupar é visto como expressão de virtude, alinhada aos princípios de responsabilidade e boa administração dos recursos confiados por Deus. Assim, a hipótese de que a religiosidade influencia positivamente no nível de poupança dos fiéis (H4) e que não há diferença entre católicos e protestantes em relação à poupança (H4a) não pode ser rejeitada.

4.2.5 Gestão de Gastos Conscientes

As escrituras sagradas, tanto católica quanto protestante, ensinam que a gestão consciente dos gastos é uma virtude. Os ensinamentos bíblicos destacam a necessidade de evitar o desperdício e de gastar com sabedoria, enfatizando o pensamento cauteloso antes de fazer qualquer compra. A prudência no ato de gastar é apresentada como um caminho para a prosperidade, enquanto o gasto imprudente é visto como tolice que pode levar à ruína financeira. Esses princípios bíblicos incentivam os fiéis a viverem dentro de suas possibilidades, cultivando uma postura financeira equilibrada.

A adesão a princípios religiosos que promovem a prudência e a economia resulta em um comportamento financeiro mais responsável e consciente. Essa influência benéfica promove uma abordagem mais moderada, prudente e responsável em relação às despesas. Como resultado, há um aumento na preocupação com o futuro e no controle orçamentário, o que encoraja os fiéis a assumirem maior responsabilidade pela segurança financeira individual.

As práticas religiosas influenciam os valores que guiam as decisões financeiras dos indivíduos, especialmente no que diz respeito aos gastos. Os resultados estão em consonância com pesquisas anteriores (Mahdzan et al., 2023; Sarofim et al., 2020). Nesse sentido, as hipóteses de que a religiosidade influencia positivamente na gestão de gastos conscientes e de que não há diferenças entre católicos e protestantes não podem ser rejeitadas.

4.2.6 Tolerância aos riscos

Quanto à tolerância ao risco, os resultados indicam que religiosos são mais tolerantes, contrariando a literatura (Agarwala et al., 2019; Ashqar & Lobão, 2024; Hilary & Hui, 2009; Ma et al., 2018; Mahdzan et al., 2023). Uma possível explicação é que pessoas com alta religiosidade confiam na providência divina, acreditando que suas ações são guiadas ou protegidas por uma força superior. Isso pode aumentar a tolerância ao risco, reduzindo o medo de falhar e ampliando a disposição para aproveitar oportunidades financeiras que levem ao crescimento e desenvolvimento sustentável.

A religião oferece uma abordagem equilibrada em relação ao risco, não pregando uma aversão total, mas uma ação cuidadosa. Diversas passagens bíblicas enfatizam a importância da prudência e da confiança em Deus ao tomar decisões que envolvem riscos. A prudência é exaltada em Provérbios, que sugere que, embora seja essencial ser prudente, a ação ao risco não é desencorajada, desde que realizada com responsabilidade. Diante do exposto, a hipótese de que a religião influencia negativamente na tolerância aos riscos (H6) deve ser rejeitada.

O estudo identificou diferenças entre protestantes e católicos em relação ao risco, sendo os protestantes menos avessos. Uma possível explicação é que, de um lado, as igrejas protestantes valorizam o individualismo e a autonomia, incentivando os fiéis a tomarem decisões corajosas e a enfrentarem riscos com confiança. Do outro lado, o catolicismo tende a enfatizar a moderação e a prudência, levando os católicos a preferirem a segurança e a estabilidade. Logo, a hipótese que estabelece que não há diferença entre católicos e protestantes em relação à tolerância ao risco (H6a) também deve ser rejeitada.

4.2.7 Excesso de confiança

A confiança é um atributo amplamente valorizado na tradição cristã, em que a fé em Deus e em seus planos são vistas como uma fonte de paz e segurança. Essa confiança é muitas vezes fortalecida pela ênfase no trabalho árduo e na responsabilidade pessoal, características centrais em muitas denominações protestantes. Além disso, o apoio comunitário dentro dessas congregações promove uma autoconfiança saudável, que ajuda os fiéis a enfrentarem desafios com resiliência. Contudo, isso implica a necessidade de discutir, dentro dos templos, a preferência por um risco mais responsável, considerando a prudência e o planejamento, e não uma fé cega.

Os resultados confirmam estudos anteriores. Mättö e Niskanen (2019) apontam que, em países cristãos, a religião aumenta a autoconfiança dos fiéis. Renneboog & Spaenjers (2012) associam essa confiança à ética protestante, que favorece a prudência financeira. No entanto, ela pode se tornar excessiva (Sarofim et al., 2020), levando à subestimação de riscos e à negligência de orientações, prejudicando as finanças pessoais. Assim, as hipóteses de que a religiosidade aumenta o excesso de confiança (H7) e de que não há diferença entre católicos e protestantes (H7a) devem ser rejeitadas.

4.2.8 Resumo das hipóteses

A Tabela 8 sintetiza os resultados das hipóteses:

Tabela 8

Síntese das hipóteses do estudo

Hipóteses	Resultado
H1: A religião influencia positivamente na educação financeira dos fiéis.	Não Rejeitada
H1a Não há diferença entre católicos e protestantes em relação à educação financeira.	Não Rejeitada
H2: A religião influencia positivamente no controle financeiro dos fiéis.	Não Rejeitada
H2a Não há diferença entre católicos e protestantes em relação ao controle financeiro.	Rejeitada
H3: A religião influencia positivamente no planejamento financeiro dos fiéis.	Não Rejeitada
H3a: Não há diferença entre católicos e protestantes em relação ao planejamento financeiro.	Não Rejeitada
H4: A religião influencia positivamente na poupança financeira dos fiéis.	Não Rejeitada
H4a: Não há diferença entre católicos e protestantes em relação à poupança.	Não Rejeitada
H5: A religião influencia positivamente nos gestão gastos conscientes dos seus seguidores.	Não Rejeitada
H5a: Não há diferença entre católicos e protestantes em relação à gestão de gastos conscientes.	Não Rejeitada
H6: A religião influencia negativamente na tolerância aos riscos.	Rejeitada
H6a: Não há diferença entre católicos e protestantes em relação à tolerância aos riscos.	Rejeitada
H7: A religião influencia positivamente no excesso de confiança dos fiéis.	Não Rejeitada
H7a: Não há diferença entre católicos e protestantes em relação ao excesso de confiança.	Não Rejeitada

Fonte: Elaboração própria

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve como objetivo verificar se a religião influencia a gestão financeira pessoal dos fiéis. Os resultados destacam que a religião tem impacto no comportamento financeiro dos seus seguidores, mais especificamente nos níveis de educação financeira, monitoramento, excesso de confiança, capacidade de geração de poupança, realização de gastos conscientes, tolerância a riscos e planejamento. Dessa forma, ela é importante para a explicação de comportamentos relacionados às finanças.

A primeira hipótese (H1) investigou se a religião influencia positivamente a educação financeira dos fiéis. Os resultados confirmam a hipótese, sinalizando que a igreja pode ser um espaço de disseminação de educação financeira. Além disso, tanto católicos quanto evangélicos são beneficiados pela influência religiosa nesse aspecto. Ou seja, a hipótese (H1a), que apresenta que não há diferenças entre as religiões, também foi aceita.

A segunda hipótese (H2) tratou da influência da religiosidade no controle financeiro. Os achados evidenciam que a religião tem um impacto positivo nessa dimensão, levando à aceitação desta. Contudo, houve diferença entre as ramificações religiosas: os protestantes apresentaram maior atenção em relação ao controle de suas finanças do que os católicos. Com isso, enquanto H2 foi confirmada, a hipótese H2a, que previa ausência de diferenças entre os grupos, foi rejeitada.

No que diz respeito ao planejamento financeiro (H3), os resultados demonstraram que a religiosidade favorece comportamentos voltados ao longo prazo, ou seja, há uma relação positiva. Também não foram observadas diferenças entre as religiões. Nesse sentido, houve a aceitação de H3 e H3a, indicando que a religiosidade está ligada ao planejamento financeiro de forma positiva em ambos os grupos. De maneira similar, a quarta hipótese (H4) analisou a relação entre religião e poupança. A influência positiva da religião nesse aspecto foi confirmada e, novamente, não houve distinções entre católicos e evangélicos, o que leva à aceitação tanto da H4 quanto da H4a.

Com relação à gestão de gastos conscientes (H5), os dados revelam que a religiosidade motiva os indivíduos a gastarem com responsabilidade. Tanto H5 quanto H5a foram aceitas, confirmando que não há diferença entre católicos e evangélicos nesse comportamento. Contudo, no que tange à preferência por risco, esperava-se que a religião influenciasse negativamente neste aspecto (H6), mas os resultados evidenciaram que os fiéis, especialmente os protestantes, possuem uma maior disposição para assumir riscos. Nesse sentido, houve rejeição tanto de H6 quanto de H6a.

Por fim, a sétima hipótese (H7) propôs que a religião influencia positivamente o excesso de confiança dos fiéis. Essa relação foi confirmada, mas vale ressaltar que essa autoconfiança pode ser benéfica ou prejudicial, dependendo da prudência do indivíduo. Apesar disso, não foram identificadas diferenças entre católicos e protestantes nesse aspecto, levando também à aceitação da H7a.

O estudo enriquece a literatura ao analisar a relação entre a religiosidade do indivíduo e suas decisões financeiras, com um foco particular no contexto brasileiro, caracterizado por uma forte tradição religiosa. Além disso, esta pesquisa contribui com informações que podem ajudar os indivíduos a se tornarem mais conscientes do papel que as crenças desempenham em suas escolhas econômicas. Nesse sentido, a interação entre os valores religiosos e as decisões econômicas reforça o entendimento de que a fé não é apenas uma prática espiritual, mas também um elemento que orienta escolhas práticas no cotidiano.

Os resultados também trazem implicações para a formulação de políticas públicas. Primeiramente, considerando que ambientes religiosos são locais de grande alcance e influência social, parcerias entre instituições públicas e lideranças religiosas podem ser benéficas. Programas de educação financeira, quando integrados às atividades religiosas ou apresentados sob uma linguagem compatível com os valores e princípios bíblicos, têm maior chance de aceitação e engajamento. Assim, políticas de educação financeira podem aproveitar a estrutura já existente das comunidades religiosas como multiplicadoras de conhecimento, formando agentes educadores entre os próprios membros da igreja. Isso cria uma abordagem de “educação por pares”, o que pode aumentar a confiança e a adesão dos participantes.

Dentre as limitações, o uso de dados autorrelatados pode introduzir vieses de resposta, afetando a precisão das informações. Fatores contextuais, como, por exemplo, as variações socioeconômicas e culturais em diferentes regiões do Brasil, não foram levados em consideração neste estudo. Além disso, vale destacar que a coleta de dados foi realizada em um período específico, o que pode não captar possíveis mudanças de comportamento ao longo do tempo, especialmente em momentos de crises econômicas.

Para pesquisas futuras, o modelo poderia abranger outros grupos religiosos, como, por exemplo, os de matrizes africanas e o judaísmo. Outra sugestão é realizar estudos longitudinais para analisar se o efeito observado é consistente ou assimétrico em diferentes momentos dos ciclos econômicos. Por fim, recomenda-se avaliar como a religião influencia o comportamento financeiro a partir de uma perspectiva geracional.

REFERÊNCIAS

- Agarwala, R., Mishra, P., & Singh, R. (2019). Religiosity and consumer behavior: A summarizing review. *Journal of Management, Spirituality & Religion*, 16(1), 32-54. <https://doi.org/10.1080/14766086.2018.1495098>
- Ashqar, R. I., & Lobão, J. (2024). Does religion influence the household finance? Evidence from Europe. *Studies in Economics and Finance*, 41(2), 286-311. <https://doi.org/10.1108/SEF-02-2022-0107>
- Barreto, K. V., & Costa, D. H. (2022). Gestão financeira pessoal: Como potencializador para o controle de finanças. *E-Acadêmica*, 3(3), e5333351. <https://doi.org/10.52076/eacad-v3i3.351>
- Bartel, R. C. (2021). Financializing the soul: Christian microfinance and economic missionization in Colombia. *Critical Research on Religion*, 9(1), 31-47. <https://doi.org/10.1177/2050303220952861>
- Benjamin, D. J., Choi, J. J., & Fisher, G. (2016). Religious Identity and Economic Behavior. *Review of Economics and Statistics*, 98(4), 617-637. https://doi.org/10.1162/REST_a_00586
- Clifton, T., Brewer, M., & Upenieks, L. (2023). Religious affiliation and debt among U.S. households. *Social Science Research*, 115, 102911. <https://doi.org/10.1016/j.ssresearch.2023.102911>
- Data Folha. *Como é a cara do evangélico brasileiro e quando o grupo será maioria no país; ouça.* (2020, 13 de janeiro). Folha de S.Paulo. <https://www1.folha.uol.com.br/podcasts/2020/01/como-e-a-cara-do-evangelico-brasileiro-e-quando-o-grupo-sera-maioria-no-pais-ouca.shtml>
- Feng, J., Ahmad, Z., & Zheng, W. (2023). Factors influencing women's entrepreneurial success: A multi-analytical approach. *Frontiers in Psychology*, 13, 1099760. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2022.1099760>
- Glaeser, E. L., & Sacerdote, B. I. (2008). Education and Religion. *Journal of Human Capital*, 2(2), 188-215. <https://doi.org/10.1086/590413>

- Hilary, G., & Hui, K. W. (2009). Does religion matter in corporate decision making in America? *Journal of Financial Economics*, 93(3), 455-473. <https://doi.org/10.1016/j.jfineco.2008.10.001>
- Kaell, H. (2024). A perfected bank: Catholic capitalism in early twentieth-century Quebec. *History and Anthropology*, 35(4), 848-870. <https://doi.org/10.1080/02757206.2023.2172722>
- Keister, L. A. (2023). Beliefs About Poverty and Inequality: Du Bois and Ethnic Differences Among Catholics. *Journal for the Scientific Study of Religion*, 62(S1), 163-182. <https://doi.org/10.1111/jssr.12853>
- Ma, X., Su, Z., & Huang, J. (2018). Religion, economic attitudes and household savings: Evidence from CGSS(2010). *Journal of Interdisciplinary Mathematics*, 21(2), 529-537. <https://doi.org/10.1080/09720502.2018.1451608>
- Mahdzan, N. S., Zainudin, R., & Shaari, M. S. (2023). The influence of religious belief and psychological factors on borrowing behaviour among Malaysian public sector employees. *Asia-Pacific Journal of Business Administration*, 15(3), 361-385. <https://doi.org/10.1108/APJBA-10-2020-0362>
- Mättö, M., & Niskanen, M. (2019). Religion, national culture and cross-country differences in the use of trade credit: Evidence from European SMEs. *International Journal of Managerial Finance*, 15(3), 350-370. <https://doi.org/10.1108/IJMF-06-2018-0172>
- Nunes, P. (2006). Utilização da Contabilidade no planejamento e controle das finanças pessoais. *Revista Catarinense Da Ciência Contábil*, 5(15), 59-72. <https://doi.org/10.16930/2237-7662/rccc.v5n15p59-72>
- Renneboog, L., & Spaenjers, C. (2012). Religion, economic attitudes, and household finance. *Oxford Economic Papers*, 64(1), 103-127. <https://doi.org/10.1093/oep/gpr025>
- Rosa, G. S., & Moraes, R. C. (2023). Financial education in high school: a multicase study in the Municipality of Ilhabela – SP. *Brazilian Journal of Business*, 5(1), 93-104. <https://doi.org/10.34140/bjbv5n1-006>
- Sarofim, S., Minton, E., Hunting, A., Bartholomew, D. E., Zehra, S., Montford, W., Cabano, F., & Paul, P. (2020). Religion's influence on the financial well-being of consumers: A conceptual framework and research agenda. *Journal of Consumer Affairs*, 54(3), 1028-1061. <https://doi.org/10.1111/joca.12315>
- Vasconcelos, A. F., Antunes, G. A., & Silva, C. A. T. (2014). Avaliação de Perdas e Ganhos nas Decisões Financeiras: Uma Investigação à Luz da Prospect Theory. *Revista Evidenciação Contábil & Finanças*, 2(1), 22-38. <https://doi.org/10.18405/recfin20140102>
- Xavier, É. T. (2023). Catolicismo: Missão e Influência no Brasil e no Continente Latino-Americano. *Monumenta - Revista Científica Multidisciplinar*, 5(1), 56-66. <https://doi.org/10.57077/monumenta.v5i1.138>
- Yayeh, F. A. (2014). The Impact of Religion on Household Saving Behavior. *SSRN Electronic Journal*. <https://doi.org/10.2139/ssrn.2518129>

CONTEXTUS

REVISTA CONTEMPORÂNEA DE ECONOMIA E GESTÃO.

ISSN 1678-2089

ISSNe 2178-9258

1. Economia, Administração e Contabilidade – Periódico
2. Universidade Federal do Ceará. FEAAC – Faculdade de Economia, Administração, Atuária e Contabilidade

**FACULDADE DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO,
ATUÁRIA E CONTABILIDADE (FEAAC)**

Av. da Universidade – 2486, Benfica

CEP 60020-180, Fortaleza-CE

DIRETORIA: Carlos Adriano Santos Gomes Gordiano
José Carlos Lázaro da Silva Filho

Website: www.periodicos.ufc.br/contextus

E-mail: revistacontextus@ufc.br



A Contextus assina a Declaração de São Francisco sobre a Avaliação de Pesquisas (DORA).



A Contextus é associada à Associação Brasileira de Editores Científicos (ABEC).



Esta obra está licenciada com uma licença Creative Commons Atribuição – Não Comercial 4.0 Internacional.

EDITOR-CHEFE

Diego de Queiroz Machado (UFC)

EDITORES ADJUNTOS

Márcia Zabdiele Moreira (UFC)

SUPORTE ADMINISTRATIVO E DE EDITORAÇÃO

Heloísa de Paula Pessoa Rocha (UFC)

EDITORES ASSOCIADOS

Adriana Rodrigues Silva (IPSantarém, Portugal)
Alessandra de Sá Mello da Costa (PUC-Rio)
Allysson Allex Araújo (UFCA)
Andrew Beheregarai Finger (UFAL)
Armindo dos Santos de Sousa Teodósio (PUC-MG)
Brunno Fernandes da Silva Gaião (UEPB)
Carlos Enrique Carrasco Gutierrez (UCB)
Cláudio Bezerra Leopoldino (UFC)
Dalton Chaves Vilela Júnior (UFAM)
Elionor Farah Jreige Weffort (FECAP)
Ellen Campos Sousa (Gardner-Webb, EUA)
Gabriel Moreira Campos (UFES)
Guilherme Jonas Costa da Silva (UFU)
Henrique César Muzzio de Paiva Barroso (UFPE)
Jorge de Souza Bispo (UFBA)
Keysa Manuela Cunha de Mascena (UNIFOR)
Manuel Anibal Silva Portugal Vasconcelos Ferreira (UNINOVE)
Marcos Cohen (PUC-Rio)
Marcos Ferreira Santos (La Sabana, Colômbia)
Mariluce Paes-de-Souza (UNIR)
Minelle Enéas da Silva (Universidade de Manitoba, Canadá)
Pedro Jácome de Moura Jr. (UFPB)
Rafael Fernandes de Mesquita (IFPI)
Rosimeire Pimentel (UFES)
Sonia Maria da Silva Gomes (UFBA)
Susana Jorge (UC, Portugal)
Thiago Henrique Moreira Goes (UFPR)

CONSELHO EDITORIAL

Ana Sílvia Rocha Ipiranga (UECE)
Conceição de Maria Pinheiro Barros (UFC)
Danielle Augusto Peres (UFC)
Diego de Queiroz Machado (UFC)
Editinete André da Rocha Garcia (UFC)
Emerson Luís Lemos Marinho (UFC)
Eveline Barbosa Silva Carvalho (UFC)
Fátima Regina Ney Matos (ISMT)
Mario Henrique Ogasavara (ESPM)
Paulo Rogério Faustino Matos (UFC)
Rodrigo Bandeira-de-Mello (FGV-EAESP)
Vasco Almeida (ISMT)

CORPO EDITORIAL CIENTÍFICO

Alexandre Reis Graeml (UTFPR)
Augusto Cezar de Aquino Cabral (UFC)
Denise Del Pra Netto Machado (FURB)
Ednilson Bernardes (Georgia Southern University)
Ely Laureano Paiva (FGV-EAESP)
Eugenio Ávila Pedrozo (UFRGS)
Francisco José da Costa (UFPB)
Isak Kruglianskas (FEA-USP)
José Antônio Puppim de Oliveira (UCL)
José Carlos Barbieri (FGV-EAESP)
José Carlos Lázaro da Silva Filho (UFC)
José Célio de Andrade (UFBA)
Luciana Marques Vieira (UNISINOS)
Luciano Barin-Cruz (HEC Montréal)
Luis Carlos Di Serio (FGV-EAESP)
Marcelle Colares Oliveira (UFC)
Maria Ceci Araujo Misoczky (UFRGS)
Mônica Cavalcanti Sá Abreu (UFC)
Mozar José de Brito (UFL)
Renata Giovinnazzo Spers (FEA-USP)
Sandra Maria dos Santos (UFC)
Walter Bataglia (MACKENZIE)